

A NOVA ERA NA IGREJA CATÓLICA

João Lupi*

RESUMO: O presente artigo foi apresentado na Mesa Redonda “Religiões e Religiosidades: entre a norma e o vivido (tensões e conciliações)”, integrando o III Encontro do GT Nacional de História das Religiões e Religiosidades – ANPUH, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) de 20 a 22 de Outubro de 2010.

PALAVRAS CHAVE: Nova Era, sociedade contemporânea, fenomenologia, ontologia

THE NEW AGE IN THE CATHOLIC CHURCH

ABSTRACT: This paper was presented at the Round Table “Religions and Religiosities: between the norm and the lived (tensions and conciliations)” integrating the III Meeting of the GT Nacional de História das Religiões e Religiosidades – ANPUH, at the Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), October 20-22, 2010.

KEYWORDS: New Age, contemporary society, phenomenology, ontology

1. Nova Era

Por Nova Era entendemos uma mentalidade não organizada – não é ninguém e muito menos uma instituição definida - que foi se configurando desde o século XIX mas surgiu mais identificada nas últimas duas gerações; tem elementos religiosos, ou potencialmente influentes nas religiões; é radicalmente tolerante, tendencialmente panteísta - Deus é o Todo, a Força; adere facilmente a doutrinas ecológicas e cósmicas (Era de Aquário); não autoritária, prefere organizar-se em pequenos grupos autônomos; em seus argumentos tenta superar a razão lógica tradicional pela aceitação de outras racionalidades e por formas de intuição; sua concentração espiritual é mais de meditação do que de oração (redução do transcendente).

No que se refere ao termo Igreja, e no que toca à Igreja Católica Romana, é preciso distinguir entre o uso comum do termo, e o seu significado teológico; no uso comum o termo Igreja Católica refere-se ao cristianismo romano, em que a hierarquia absorve as decisões e as atividades eclesiais, e o povo fiel não tem voz ativa; mas o termo teológico considera a Igreja, isto é a *Ecclesia* ou assembleia da comunidade como Comunidade total, hierarquia e povo.

Geralmente a Nova Era conflita com a Igreja Católica: naquela a imanência se opõe à transcendência, a anarquia dos pequenos grupos conflita com a ordem

* Doutorado em Filosofia pela Universidade Católica de Portugal (1982) e Pós-Doutorado pelo Boston College (1995). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal de Santa Catarina UFSC.

centralizada, a doutrina flexível é incompatível com o dogma. A Cúria romana tem feito intervenções contra essa tendência, obrigando por vezes ao “silêncio obsequioso”; são visadas instituições e teólogos que põem em risco as práticas e normas da autoridade romana. Esta atitude levou à paralisação da teologia que, como qualquer ciência ou forma de conhecimento, precisa do confronto e do diálogo para se desenvolver. A prática ostensiva da igreja oficial continua sendo a do reforço institucional, visando ao poder de ação, em que se pede colaboração financeira para obras de construção de templos, ou para realização de cursos e seminários, e se divulgam as editoras e as escolas como obras de presença cristã na sociedade.

No entanto é possível desvendar um forte conjunto de infiltrações da Nova Era na Igreja Católica. Para verificá-las não podemos esquadrihar os compêndios e tratados, nem os ensaios de Teologia, mas os livros, panfletos e jornais onde se expõem com maior liberdade as opiniões correntes dos fiéis e das lideranças, sobretudo as não oficiais.

2. Ontologia, Teodicéia, e sacralização da Natureza

A redução protestantizante do cristianismo à Palavra conduziu ao esvaziamento da ontologia cristã e ficaram somente as palavras (CHANTRAINE apud GIUSSANI, 1988, p.74). A tendência característica contemporânea é a de dar prioridade, quando não exclusividade, na metafísica, à linguagem sobre a ontologia. Desde a escolástica dos séculos XV a XVII que a noção de substância vinha sendo discutida; no século XVIII ela foi em grande parte eliminada e toda a realidade ficou reduzida ao fenômeno, ao aparente que se pode conhecer; apesar das muitas reações contra o fenomenismo o século XX avançou com a ideia de que só o que se pode dizer é real. A filosofia da linguagem sobrepôs-se à metafísica e eliminou a ontologia, que só subsiste em setores ligados às escolas e doutrinas tradicionais.

No cristianismo, como em muitas (todas) religiões, a questão da existência substancial não pode ser reduzida, nem muito menos eliminada, porque isso descartaria a possibilidade do sobrenatural e da religião; mas ela tem sido esquecida, em favor do domínio da Palavra. Daí que haja um excesso de Teologia e prática pastoral sobre Teologia Fundamental e dogmática. Mas a influência das doutrinas filosóficas que retiram substancialidade ao ser divino e o transformam em noção abstrata e despersonalizada conduzem na mentalidade Nova Era à ideia dominante de um Deus imanente.

A noção tradicional de Deus recebe conotações de “atualização” mal afinadas com a teologia fundamental. Procura-se uma nova idéia de Deus, mas Ele está oculto, ou se revela na natureza, com certo matiz de panteísmo. A concepção de Deus é fundamental para todo o demais comportamento do cristão, e sem ela não há orientação religiosa. Sem uma espiritualidade, vale dizer, sem uma nova experiência radical do Ser e sem mensagem na Fonte originária de todos os seres de onde nasce um novo horizonte de esperança, certamente não conseguiremos fazer uma travessia feliz, diz Leonardo Boff (2010).

À falta de melhor definição a ideia de Deus “desliza” para o panteísmo, hoje oferecido com facilidade atraente pela ecologia. Muitas expressões, mesmo de autoridades acima de qualquer suspeita, ou de teólogos consagrados podem ser entendidas de modo ambíguo, quando dizem que Deus é energia, aceitam os direitos dos animais, ou elevam a natureza a um nível divino.

A campanha da fraternidade da CNBB/2008 é “Fraternidade e defesa da vida”; o tema “não é novo para a Igreja” não só porque se apoia nas Escrituras, e particularmente no Evangelho de João (Jo 10,10 etc) mas porque a palavra “vida” apareceu em outras campanhas da fraternidade: “Para que todos tenham vida” (1984), “Água fonte de vida” (2007) e outros. O tema teológico e peculiarmente bíblico da vida foi uma constante ao longo de toda a história do cristianismo. Mas a Nova Era fez com que ele apareça com outros aspectos e novas terminologias: “a vida coloca a proposta de uma Ética do Cuidado, poder-se-ia dizer, uma vocação de Cuidado para a Vida em todas as suas dimensões, por exemplo: como cuidar da terra, da água, do ar; como cuidar das relações entre pessoas e grupos de pessoas” (SELL, 2008, p. 10).

Esta ética do cuidado da vida, “é uma ética do amor e da esperança em luta contra tudo aquilo que em nós e na sociedade gera a morte” (SELL, 2008, p. 22), em particular contra a injustiça, o abuso de poder, a pobreza humilhante, a expropriação de terras ((SELL, 2008, p. 18 e passim). A vida no sentido teológico não é abstrata, nem se dirige apenas ao próximo, ao irmão, mas abrange o universo: “a terra, a água, as flores, as estrelas” (ib 25). Ao reconciliar “o planeta saqueado e envenenado” com aqueles que administram a vida “as cooperativas dos recicladores de lixo (...) celebram a eucaristia (... porque) amam, cuidam da natureza, pensando nos seus netos” (SELL, 2008, p. 25).

Tal como a *Teologia da libertação*, que na década de 1960, associava a libertação terrestre com a salvação espiritual, e anunciava o Reino de Deus na terra como a superação das injustiças, também a teologia ecológica mais recente opera a

imanência do transcendente.

3. Pastoral dos leigos

A participação dos leigos, isto é, dos não sacerdotes, nas decisões da Igreja e no ritual litúrgico, a partir da concentração de poderes no início da Idade Média, tem sido muito limitada. Quase todos os movimentos reformistas tenderam a diminuir a diferença entre leigos e eclesiásticos, e as atribuições dos fiéis, que eram maiores nos primeiros séculos (por exemplo, na indicação dos seus Bispos) foram cada vez mais restringidas. Atualmente, sobretudo depois do Concílio Vaticano II, a hierarquia tem mostrado disposição para aceitar presença dos leigos no ritual, por exemplo, distribuindo a comunhão, ou constituindo conselhos paroquiais e diocesanos. Mas as críticas ao autoritarismo e à verticalidade do poder continuam, e por vezes são mais manifestas e fortes do que em tempos passados, o que denota atitudes de contestação renovadoras.

Entre a pressão e a argumentação teológica vê-se cada vez mais a hierarquia aceitar a presença de leigos em funções do altar e de catequese, e, à revelia do consentimento da autoridade, assiste-se à Eucaristia celebrada em casa, e sem sacerdote, e à organização laica de comunidades independentes. Neste e noutros casos o que está em causa é a transferência de parte do poder da hierarquia para os leigos (MATTYE, 2010).

Ao comentar a teologia de Schillebeeckx assinala Hoornaert (2010) que o Vaticano ao nomear Bispos com personalidades menos fortes, ou ambíguas, conduziu a Igreja para um clero pouco criativo e imobilizado e a “um tipo de catolicismo infantilizado” onde “o laicato pode avançar”; diz ainda que a Teologia que se apoia na Bíblia e no cristianismo primitivo “é tão bem fundamentada que não há bispo que consiga lhe opor argumentos consistentes”. A horizontalidade do poder implicaria a diminuição do valor atribuído ao sacerdócio sacramental clerical e o aumento do poder do sacerdócio comum a todos os cristãos, típica das Igrejas Reformadas.

Outra prática espontânea, que as autoridades geralmente toleram, e a que vai no sentido das novas mentalidades, é a vivência cristã a partir da comunidade, e autonomia de pequenos grupos: uma prática derivada em parte do fundamentalismo e do retorno ao cristianismo primitivo; são muitas vezes comunidades orgânicas, que se reúnem em casas particulares, sem liderança formal ou institucional. Estão neste caso as Comunidades Eclesiais de Base (CEB) – o caso mais conhecido de desaprovação pela autoridade romana - os grupos ecumênicos clandestinos na China, e os grupos de oração

e estudo bíblico na América Latina: “deixamos as igrejas tradicionais mas não deixamos a nossa fé” (MIRAVAL, 2010).

Mas há casos em que a autoridade aprovou práticas renovadoras, embora tímidas. Destas deve-se destacar o acesso de mulheres ao ritual e mesmo à proximidade do altar, inclusive distribuindo a eucaristia, ou a aceitação de sua liderança em grupos de estudo bíblico. Outro aspecto em que houve afrouxamento da rigidez legal (do Direito Canônico) foi na facilidade de anulação de matrimônio, anteriormente só concedida aos reis.

Nestes casos verifica-se uma descentralização de decisões, e uma emergência de forças horizontais, ou de base, que certamente está mais de acordo com a Nova Era do que com a centralização romana.

4. Teologia moral

A Teologia flexível – falta de compromisso com dogmas – não é própria da Igreja Católica. Mas um conjunto de circunstâncias e doutrinas tem reduzido a força de algumas injunções e preceitos. Podemos indicar, como talvez sendo o “pivô da crise” as restrições à noção de culpa, e portanto a diminuição da carga emocional da consciência de pecado. Diante de algumas obrigações ou mandamentos, sobretudo as normas relativas à vida sexual, gerou-se a opinião coletiva de que essas proibições não “podem ser cumpridas” pelos fiéis comuns; os católicos perguntam então se as condenações relativas a esses pecados são justas, já que muitas vezes não têm origem na Bíblia – Jesus Cristo foi sabidamente muito tolerante e não condenatório nessa matéria.

Consequentemente, já que a noção de culpa se dilui, e que ela é que traz consigo a noção de condenação, a existência do inferno é posta é causa.

5. Liturgia e devoções

Voltada para a prática a Teologia pastoral afasta o interesse pela teologia dogmática ou fundamental; deste modo o fundamentalismo, como identificação com os primeiros cristãos, torna-se superficial e não doutrinário. Dentro da tendência pastoral nos últimos anos a hierarquia apóia mais abertamente (mas ainda com restrições) as devoções tradicionais populares, como as Festas do Divino Espírito Santo. Por seu lado e mesmo sem entender as revisões teológicas, os fiéis teriam “se lançado em grupos de oração, seminários, e procissões devocionais onde, supostamente, alimentariam melhor a sua espiritualidade, pensando menos e sentindo mais” (TURSI, 2010, p.1).

A intenção confessa desta teologia pastoral mais aberta é refrear a migração católica para igrejas evangélicas e outras religiões mais “atraentes” como os cultos afros e o espiritismo. A liturgia católica, diz Frei Betto, tem muito a aprender com a liturgia do candomblé.

Estas e outras opiniões – e o respaldo que lhes deu o Concílio Vaticano II - têm conduzido à democratização do carisma e à proliferação dos cultos ditos carismáticos: descontraídos, menos solenes, alegres, emotivos, expansivos; há neles um incentivo à exteriorização de emoções espontâneas nos cultos oficiais.

Nem tudo o que está em mudança na Igreja Católica tem origem na Nova Era. Há movimentos e ideias endógenas que vêm se afirmando há pelo menos um século, e outros são nitidamente o resultado do Concílio Vaticano II. Mas nessas e noutras tendências o que se nota é uma aproximação entre Nova Era e Igreja Católica – em que pesem as declarações contrárias da Cúria Romana. Assim, e contra a resistência desse “núcleo duro”, a Nova Era entra na Igreja Católica em grande parte pelos marginais: os sacerdotes dispensados, monges silenciados, as mulheres, as comunidades pobres e distantes, mas também teólogos ativos e bispos em países pobres, ou em comunidades católicas que têm maior convivência com Igrejas Reformadas, como na Holanda e na América do Norte. Esse pode ser um caminho para o cristianismo das próximas gerações. Se um novo cristianismo é possível ele terá de contar com vários componentes, entre eles a Igreja Católica e a Nova Era; da interpenetração destas duas fontes pode desabrochar uma religião planetária, que não será única nem talvez dominante. A perspectiva a partir do que atualmente se pode observar é de um pluralismo religioso em convivência pacífica, cuja duração é imprevisível, mas será certamente longa.

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. O velho agoniza e o novo custa a nascer. *A Notícia*, RBS Joinville, 28 agosto de 2010, p. 32.

FREI BETTO. Por um outro cristianismo. *Humanidades* (Brasília) ano 3, n.11, nov/jan 1986/7, 54-57.

GIUSSANI, Luigi. *A consciência religiosa no homem moderno. Notas para católicos “engajados”*. Trad. Paulo Afonso E. Oliveira, (Milão 1985), São Paulo, Editora Companhia Ilimitada, 1988.

HOORNAERT, Eduardo. *Linha de Frente*, ano 3, n.13, p.2.

MATTYE, Affonso. *Linha de Frente*, ano 3, n.13, janeiro/fevereiro 2010.

MIRAVALL, Francisco. *Linha de Frente*, ano 3, n.14, março/abril 2010.

SELL, P. Dilmar. Fraternidade e defesa da vida: escolhe, pois, a vida! (Dt 30,19). *Encontros Teológicos* (ITESC, Florianópolis) ISSN1415-4471, n. 49, ano 23, n.1,2008, 9-26.

TURSI, Carlo. *Linha de Frente*, ano 3, n.14, março/abril 2010, p.1; cf. tb id. N.13 janeiro/fevereiro.

RECEBIDO EM 20/07/2011

APROVADO EM 05/05/2012